

Estudo aponta que taxa de depressão pós-parto é maior em hospital público



Um estudo realizado com 273 mulheres, que deram à luz em um hospital público de São Paulo, revelou uma **prevalência de depressão pós-parto** cerca de duas vezes **maior que a média mundial** descrita na literatura científica. Os resultados mostram ainda que, no primeiro ano de vida, os filhos das mães deprimidas apresentavam **prejuízos no desenvolvimento**.

A investigação foi coordenada por Emma Otta, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

Segundo Otta, a pesquisa foi desenvolvida a partir do enfoque teórico e metodológico da *etologia*, ciência que estuda o comportamento animal. A perspectiva evolucionista orientou a formulação das várias hipóteses investigadas, como a relação entre a notável dependência do bebê humano, sua predisposição natural para a formação de vínculos (apego e intersubjetividade primária) e a necessidade de imersão em um grupo familiar e cultural para o desenvolvimento cognitivo. Também foi investigada a **influência das dificuldades do ambiente social e afetivo** sobre as estratégias de investimento parental e de desenvolvimento infantil.

"O tipo de rede de apoio nas diversas fases do ciclo de vida reprodutiva da mãe pode influenciar o investimento parental e a ocorrência de depressão pós-parto", disse Otta. De acordo com ela, o estudo visou o entendimento dessa rede de determinantes e das possíveis funções adaptativas das reações depressivas e dos efeitos das características da interação mãe-bebê no desenvolvimento, com especial atenção ao desenvolvimento **neuropsicomotor e cognitivo** da criança, envolvendo a linguagem, a empatia e os comportamentos pró-sociais.

Foram recrutadas, inicialmente, cerca de 400 gestantes que realizaram consultas de pré-natal em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do bairro Butantã e cujo parto estava previsto para ocorrer no Hospital Universitário (HU-USP) entre setembro e dezembro de 2006. Destas, 273 deram à luz no HU e foram incluídas no estudo.

As mulheres e seus filhos foram acompanhados durante os três anos seguintes ao parto.

Durante esse período, diversas entrevistas foram realizadas com o intuito de avaliar a interação entre mãe-bebê, a presença de sintomas depressivos nas mulheres, a percepção materna sobre o relacionamento com a criança e o desenvolvimento infantil. Uma primeira filmagem foi feita ainda na sala de parto, na primeira interação mãe-bebê.

Na avaliação realizada no quarto mês após o parto, as 150 mulheres que ainda participavam do estudo preencheram um questionário de rastreamento para depressão pós-parto e 28% demonstraram **sinais** do transtorno. Segundo Otta, **o índice médio mundial descrito na literatura científica varia entre 10% e 15%**.

Em um estudo integrado, cujos resultados devem ser publicados em breve, os pesquisadores compararam os dados das mulheres que deram à luz no HU-USP com o de 257 mulheres que tiveram seus filhos em um hospital privado de alto padrão da capital. Nesse segundo caso, a prevalência de depressão pós-parto na amostra foi de 7% - abaixo da média mundial.

Nas duas amostras, os recém-nascidos apresentaram condições de saúde semelhantes. A idade da mãe, a escolaridade, o número de visitas pré-natal e de cesarianas foram maiores entre as mães do hospital privado.

"Embora os indícios de depressão fossem menores dependendo do hospital ou do nível socioeconômico, as variáveis mais importantes, segundo o modelo estatístico utilizado na análise, foram escolaridade e apoio social", contou Maria de Lima Salum e Moraes, pesquisadora do Instituto de Saúde de São Paulo - órgão vinculado à Secretaria do Estado de Saúde.

Outros fatores que mostraram forte correlação com o risco de depressão pós-parto foram a **frequência e a gravidade dos conflitos com o parceiro** - maior na amostra do hospital público - e a ocorrência de episódios anteriores de depressão.

"Um número maior de mães na amostra do hospital privado relatou ter passado anteriormente por consultas e tratamento para depressão, talvez porque essas mulheres tenham mais acesso a serviços de saúde. Na amostra do hospital privado, todas as mães com depressão pós-parto relataram ter vivenciado episódios anteriores de depressão", disse Moraes.

Para Otta, é possível que apenas parte das mulheres diagnosticadas nas duas amostras tenha de fato desenvolvido depressão pós-parto. "Algumas possivelmente já tinham depressão e o problema permaneceu ou retornou após o nascimento do filho", afirmou.

Outros fatores de risco para depressão pós-parto identificados na pesquisa, porém com menor peso, foram um **maior número de filhos**, a existência de filhos de relacionamentos anteriores, maior número de crianças morando na mesma casa, gravidez não desejada, rejeição na infância, menarca precoce e menor idade materna. Os dados foram publicados no Boletim do Instituto de Saúde.

Leia mais em: [Taxa de depressão pós-parto é maior em hospital público de SP](#)

Fonte: Agência Fapesp